

CAUSAS DA PERSEGUIÇÃO MOVIDA CONTRA MIM

Tudo começou com a indicação do meu nome para reger a cadeira de Sociologia, da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da UFRJ, com a aposentadoria do Prof. Hildebrando Leal. A Professora Adjunta, sem nenhum concurso prestado, nem título de docente livre, não se conformou e recorreu para o Conselho Universitário, depois de haver pedido reconsideração à própria Congregação. Em resumo: fui indicado duas vezes pelo Departamento de Ciências Sociais, sob a presidência, em 1966, do Prof. Jorge Kingston, conhecido anti-comunista; duas vezes pela Congregação, sendo que, na segunda, por unanimidade, em 13/3/67 (com 30 votos, inclusive do Prof. Eremildo Viana).

A Profa. perdeu duas vezes no Conselho Universitário, em maio e setembro de 1966, sendo que, na primeira, por unanimidade. Impetrando mandado de segurança, perdeu também duas vezes, em dois mandados diferentes, perante a 1a. Vara Federal (Juiz Evandro Guieros Leite) e a 2a. (Juiz Jorge Lafayette). Recorreu para Brasília, e voltou a perder em 18 de dezembro de 1968 (Tribunal Federal de Recursos), sem que eu tenha constituído advogado, deixando correr o feito à revelia.

Disse, então, a referida Professora a várias pessoas que haveria de se vingar, e para isso dispunha de outros meios. Denunciou-me como subversivo ao CENIMAR e ao Serviço de Segurança do MEC. O CENIMAR prendeu <sup>o</sup> meu irmão, de igual nome, soltando-o 24 horas depois (20/21 de dezembro). Convidado a prestar declarações, facilmente foram destruídas as acusações, provando eu que era inocente, nada podendo haver contra mim. Nunca participei de qualquer passeata, nem assinei manifesto de espécie alguma, nunca participei de programas de reforma universitária, nem agitação de qualquer modalidade. Fui ouvido no CENIMAR em 26 de dezembro de 1968.

*X* Em setembro de 1968, solicitei demissão de professor contratado do Instituto de Filosofia, sendo disso testemunhas os Profs. Artur Cesar <sup>f</sup>erreira Reis e Eremildo Viana, a quem vistei e com quem conversei na Rádio do MEC. A demissão me foi negada, sob o argumento da proximidade do fim do ano e dos exames e provas. A 3 de março

de corrente pedi demissão em caráter irrevogável, e nunca mais voltei ao Instituto.

Não apocentado na relação dos 44 professores de 25 de abril último, exacerbaram-se os meus inimigos, fazendo distribuir um manifesto altamente insultuoso na Faculdade de Direito, da qual sou catedrático por concurso público de títulos e provas, desde dezembro de 1957. Assinavam o manifesto os movimentos ALA e MEO Branco. Vinham ali atacados cinco professores, com palavras grosseiras e até de baixo calão. Entre eles, como não podia deixar de ser, um propósito conhecido e dirigido, encontrava-me o meu nome, em parágrafo especial. Com 20 anos de ensino, desde o primeiro contrato, como Auxiliar de Ensino, no ano de 1949, nunca havia sido desrespeitado nem ofendido por alunos. Revi <sup>meu</sup> em aula de 7 de ~~25~~ último, com veemência, verberando a infâmia e as calúnias que me eram asseadas. Os outros professores calaram. Encontrava-se na aula uma aluna, do turno matutino, mas que só assistia as minhas aulas, notoriamente ligada àqueles movimentos, e repetente.

No Conselho Departamental, exigiu o Prof. Pedro Palmeira a abertura de inquérito para que fosse apurada a autoria, ou pelo menos a responsabilidade da distribuição do manifesto. Cinco professores do Conselho Departamental, constituído de nove, eram atacados: Pedro Calmon, Ferreira de Souza, Evaristo de Moraes Jr, Vandick da Nóbrega e Oscar Stevenson. O Diretor, Prof. Ferreira de Souza, indicou o Livre Docente, Prof. Celso Guedes Pinto, por já haver presidido de duas outras comissões, ao tempo do Diretor Hélio Gomes, com excelentes resultados. Foram ouvidos alguns alunos sem discriminação partidária, inclusive, como é óbvio, os mais ligados àqueles movimentos assinalados no manifesto. Nada se apurou.

Apesar de que se diz em contrário, atestou o Diretor da Faculdade, em resposta a requisitório oficial: 1ª) que o pedido de abertura de inquérito partiu do Prof. Palmeira; 2ª) que a indicação do Prof. Guedes, para presidi-lo, fôra dele próprio, Diretor; 3ª) que não foram ouvidos somente estudantes anti-comunistas, e sim todos os que pudessem dar qualquer informação; 4ª) que não foram ditas em

aula as pelevras que me são atribuidas, tendo havido má fé na pessoa que as veiculou; 5º) que, ao contrário do que alega, o Prof. Guedes não innocentara nenhuma aluna comunista em inquérito anterior; antes, a incriminara diretamente; 6º) também, ao contrário do que se alega, o Prof. Guedes não fôra pressionado, conforme certa que ende-reçou ao Diretor.

Tôdas essas informações foram encaminhadas ao Serviço de Segurança do MEC, não ficando de pé nenhuma das acusações.

Surpeendentemente, a 13 de junho último, às 8 horas da manhã, fui prêso em casa, por ordem do 1º Exército e mantido incomunicável por 7 dias. Com 54 anos de idade, já aposentado no MTPS, depois de mais 30 anos de serviço, dos quais 25 como Procurador da Justiça do Trabalho, com assentamentos elogiosos e ficha limpíssima; professor há mais <sup>de</sup> 15 anos, nunca sofri nem passei em minha vida por vexame igual. Nunca participei de qualquer agitação na Faculdade, sendo professor rigoroso com os alunos e não faltando as aulas.

Sem nunca ter sido ouvido, só a vingança pessoal pode ser capaz de explicar tudo isso, verdadeiro pesadelo.

Todos os colegiados a que pertencei manifestou-se unanimemente a meu favor: Conselho de Pesquisa e Ensino para Graduados, da UFRJ; Ordem dos Advogados Brasileiros, que se manteve em sessão permanente; Congregaçõ da Faculdade; Comissão Permanente de Direito Social, do Gabinete do Min. Járbas Passarinho, que se encontrava ausente em Genebra, tendo o seu Chefe de Gabinete, Coronel Barreira telefonado duas vêzes para a minha família.

Com a farta documentação, aqui juntada, provo que nunca fui comunista. Udenista desde 1945, fui colega de escritório do Dr. Prado Kelly, de 1954 a 1958. Sou amigo pessoal dos Drs. Bilac Pinto, Adauto Cardoso, Temístocles Cavalcanti, Adonias Filho, José Barreto Filho (Presidente do Conselho Federal de Educação), Artur Cesar Ferreira Reis (Presidente do Conselho Federal de Cultura), Alionar Belcero, Oswaldo Trigueiro, Luiz Viana Filho, Antonio Dias Leite, Nélio Beltrão (meu colega de turma), Magalhães Pinto, todos em cargos de eminência na Revolução. Inimigo pessoal do antigo Presidente Jo-

ão Goulart e de sua gente, foi por eles perseguido, por haver sido Presidente da Comissão de Sindicância do antigo IAPB, em 1961, tendo como colega de Comissão o Ten.-Coronel Antônio Carlos de Andrade Serpa, hoje General e servindo em Jundiá. Condecorado duas vezes pela Revolução, uma, ao tempo do Presidente Castelo Branco; da Comissão Permanente de Direito Social, do Gabinete do Min. Jarbas Passarinho, ainda agora deu parecer duas vezes, em questões da ordem do dia da 53a. Conferência Internacional do Trabalho (Genebra, junho).

Quando da sindicância, levada a efeito na Faculdade, pelo Coronel Renato Rocha, nada, absolutamente nada, foi apurado contra mim, isto logo depois de abril de 1964. Daí surgiram vários IPMS. Convoque-se este inqteirato.

Foram meus alunos, no ano passado (1968), dois militares, que poderão prestar depoimentos desinteressados e objetivos, não apaixonados nem suspeitos, sobre as minhas aulas: Major Crisógono Cavalcante Silva e Paulo Roberto Brasileiro Nascimento (da Marinha ou da Aeronáutica).

A única coisa que desejo e pleiteio é ter acesso às fontes de informação e às autoridades do 1º Exército, para poder destruir as infâmias e calúnias dos meus detratores. Duvido que me exibam gravação das palavras que me foram atribuídas na aula do dia 7. Podem ser ouvidos todos os seus colegas de todos os colegiados a quem pertence, todos os seus alunos, inclusive, como é óbvio, o Magfco. Reitor, o Diretor da Faculdade e o Diretor do Instituto, Prof. Eduard do Prado Mendonça.

O que me preocupa, volto a repetir, é unicamente limpar o meu nome, nesta altura da vida, da pecha e da calúnia de comunista, nada mais. O resto não importa.

f.1. - 6 benina, que me deu igual  
nigora, nada apuro contra mim, depois de  
nigora dessa! 19/7/69. Paulo do Prado